

# ESQUECER PARA LEMBRAR, LEMBRAR PARA ESQUECER

Josse Fares  
Meste em Letras. Professora da Universidade da  
Amazônia – UNAMA.

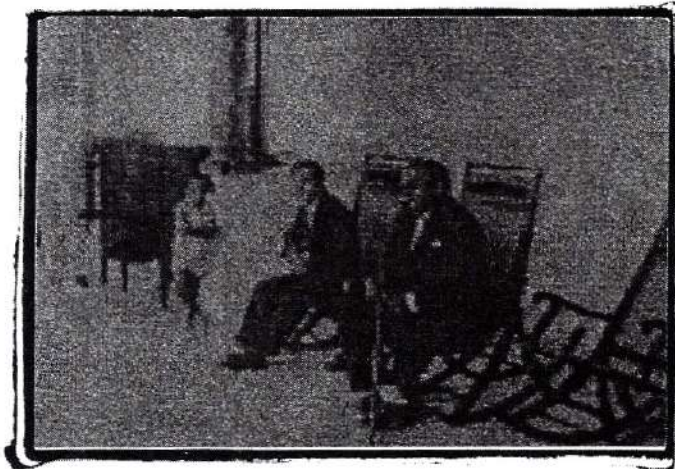
“... não tenho nenhum constrangimento em mexer nos baús de flandres da Folha, catar fotografias de antigamente, tentando capturar momentos que escapam, e que a gente puxa de novo para perto de nós.”  
(Haroldo Maranhão)

Quando os fios que prendiam Ivan à vida se esgarçaram, seu irmão Haroldo, exímio artesão de outros fios, os da palavra, pôs-se, durante vinte e um dias - de 29 de março a 15 de abril - a tecer um manto, não para servir-lhe de sudário, mas para aquecê-lo da frialdade que traz a falta de esperança e a certeza da partida.

Madame de Sévigné, a epistológrafa francesa do século XVII, “ produziu uma obra literária condicionada pela ausência da filha, ” ( Amaral, 2000, p. 21) pela necessidade de declarar-lhe seu amor. Também Haroldo Maranhão, ao imprimir sua voz nos fios onde incorporou a própria *anima*, deixou escorrer, nas linhas e entrelinhas das cartas, uma pungente declaração de amor a Ivan.

Por amor ao irmão, o escritor revisita a infância e, nas voltas que dá em torno do coração, recorda. Recorda porque conhece o passado comum aos dois ou “porque tem o poder de estar presente no passado” (Vernant, 1992, p. 74). Investido desse poder, o emissor percorre as veias da memória e presentifica o viver da família Maranhão, reclusa no prédio da Folha do Norte, “verdadeiro castelo espanhol do século XII” (Maranhão, p. 105), onde, meninos, ele e Ivan nadavam “em piscina de ladrilho molhado de água ensaboada” (idem, p. 107) ou jogavam “futebol num arquivo do jornal” (idem-ibidem).

As reclusão da família, explica Haroldo na 8.ª carta, deveu-se às rugas com o intendente Antônio Lemos: “Tempos difíceis corriam em desfavor do jornalista, na época do leimismo e do velho Lemos. Maranhão acoitara-se por treze anos nos altos do jornal, na travessa da Indústria, depois Leão XIII (...). Se [Paulo] Maranhão saísse à rua, seria morto” (p. 56). Percebe-se, dessa forma, que as cartas não se restringem apenas às aventuras (ou desventuras) da meninice, pois visitar a infância, implica em visitar seus arredores. E as cartas, como as fios de Ariadne, conduzem o leitor às ondulações da Belém de outrora, que os dois irmãos percorriam quando iam ao colégio, a bordo, primeiro da 22p, depois da rural Wyllis e, finalmente, do Jipe: “creio que jamais viajamos de ônibus, tudo à conta dos ódios políticos que lavraram a cidade” (p. 40).



“ Tenho uma foto 18 x 24 (...) da então chamada gerência da Folha. Ao fundo nosso pai (...) Em segundo plano, encostado a uma das colunas com a ingênua intenção de imitar o mármore, um menino de calças curtas (...) se resguardando do imprevisto: eu.” (5.<sup>a</sup> carta, p. 33)

Como afirma Adélia Bezerra de Meneses<sup>1</sup>, um escudo protetor barra certos desvãos da memória, e não deixa que aquilo que se sepulta emerja na narrativa. O motivo inconsciente do esquecimento, segundo Lévi-Strauss, serve para fundamentar interdições (Strauss apud Ferreira, 1991, p. 15).

Mas... nem só de interdições vive o homem. Às vezes, é preciso esquecer para lembrar. Não percamos de vista que as cartas vêm do Rio de Janeiro e o autor delas está distante — no tempo e no espaço — daquilo que narra. E é à distância, pode ser paradoxal, que as imagens surgem mais nítidas, tão nítidas que Ivan, e nós, também leitores das cartas, empreendemos esta circunavegação pela terra onde os umbigos dos dois irmãos foram enterrados. Os fios da palavra nada mais são do que o próprio cordão umbilical do missivista.

Nas recordações do remetente, aquilo que se perdeu sobrevive na memória: o hotel Central, a velha Pinheiro, o cine Iracema, o Constellation da Panair, a Western, o cachorro da RCA Victor... Estávamos na Era do Rádio, da PRC-5, a voz que falava e cantava na planície.

Na 5.<sup>o</sup>, 6.<sup>o</sup> e 21.<sup>o</sup> cartas, há referências a fotos que, embora esmaecidas pelo tempo, ativam a memória:

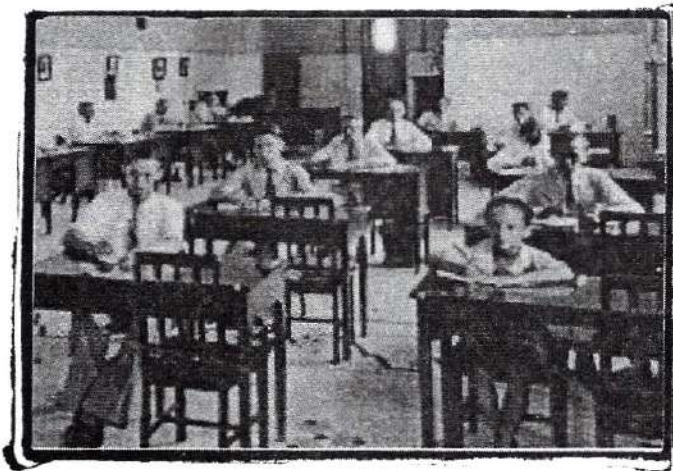
“Tenho uma foto 18 x 24 (...) da então chamada gerência da Folha. Ao fundo nosso pai (...) Em segundo plano, encostado a uma das colunas com a ingênua intenção de imitar o mármore, um menino de calças curtas (...) se resguardando do imprevisto: eu.” (5.<sup>o</sup> carta, p. 33)

“... estou neste momento defronte de uma foto em que se vê, em primeiro plano, pousando de jornalista com os sapatos que nem roçavam o chão, este teu irmão que já trabalhava na revisão...” (6.<sup>o</sup> carta, p. 46)

“Entre poucas fotografias da infância, encontrei uma em que estamos abraçados, provável que estivéssemos pelos 4 a 6 anos (...) No momento em que escrevo é como continuamos a estar, mais de meio século depois: sérios, os rostos interditados a sorrisos: meu rosto angustiado e o teu corrompido pela doença assassina.” (21.<sup>o</sup> carta, p. 115) A câmera do fotógrafo extraíra-lhes a alma, lera-lhes o futuro.

Depois de rever o botequim do português Manuel, a loja de tecidos de Chaud, o libanês, os sobrados da Boulevard que lembravam os da cidade do Porto, vistos de Vila Nova de Gaia; depois de sentir o cheiro de alecrim, que exalava do quarto da mãe, quando do nascimento dos irmãos, Haroldo pára diante da foto em que abraça Ivan. E nos rostos infantis, ele vê os rostos do presente. O dele angustiado, o do irmão tocado pela dor. Essa dor que as cartas desejam aliviar: “minha máxima ambição teria sido conseguir uns poucos sorrisos, todos os dias um ao menos, este mínimo que faria morrer na calma possível de um homem já sem defesas, que se entregava.” (p. 14) Eis uma imagem da Pietá de braços vazios.





“... estou neste momento de frente de uma foto em que se vê, em primeiro plano, pousando de jornalista com os sapatos que nem roçavam o chão, este teu irmão que já trabalhava na revisão...” (6.ª carta, p. 46)

Li em um livro de Marina Warner uma narrativa do Quênia. Ei-la: A mulher de um homem pobre esbanjava saúde e alegria, enquanto no palácio, a sultana definhava. O sultão resolveu chamar o homem pobre a fim de que ele lhe revelasse o segredo da alegria e vivacidade da esposa. O camponês disse-lhe: alimento minha esposa com carnes de língua. Mais que depressa, o sultão mandou vir para a mulher línguas de boi, carneiro, cotovia. Mas a sultana continuava a definhar. Desolado, o poderoso senhor do palácio, fez sua mulher trocar de lugar com a esposa do homem pobre. Imediatamente, os papéis se inverteram. A vivacidade da pobre passou para a rica, o desânimo da rica, se alojou na pobre.

Só então descobriu-se que as carnes de língua com que o pobre alimentava sua mulher eram histórias, contos de fada, anedotas que ele contava, “alimentos transmitidos pela fala, embalados pela linguagem. Ao recusar o silêncio, ele afugentava a melancolia.” (Warner, 1999, p. 14)

Como o homem pobre do Quênia, Haroldo Maranhão afugentou o silêncio, transpôs o tempo e o espaço, e passou a ninar seu irmão com os acalantos da voz que imprimiu nos fios de palavras. Não conseguiu salvar-lhe a vida. Mas, é certo, trouxe-lhe a força tão necessária na hora em que a tesoura das Parcas cortavam-lhe os fios da vida.

#### Bibliografia

- Amaral, Glória. “Sévigné em ação: sévignações” in Galvão, Walnice & Gotlib, Nádya (org.) *Prezada senhor, prezada senhora*. São Paulo: Companhia das Letras: 2000.
- Brunel, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Brasília/ Rio de Janeiro: EdUNB/José Olympio, 1997.
- Ferreira, Jerusa Pires. *As armadilhas da memória*. Salvador: Fund. Casa de Jorge Amado, 1991.
- Maranhão, Haroldo. *Querido Ivan*. Belém: Jornal Pessoal, 1998.
- Meneses, Adélia Bezerra de. *Do poder da palavra*. São Paulo: duas Cidades, 1995.
- Vernant, Jean Pierre. *Mito e sociedade na Grécia antiga*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- Warner, Marina. *Da fera à loira*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

<sup>1</sup> Meneses, Adélia Bezerra. *Do Poder da Palavra*. São Paulo: Duas Cidades, 1995, p. 133.



